

## Entrevista com Wagner Barbosa, preparador vocal certificado pelo método IVA

Cassiano Weigert Fraga\*

---

\* Mestre em Artes, UNESP; UNESP, São Paulo, SP, Brasil; Rua Martim Francisco, 100 – apto 44, Vila Buarque, São Paulo/SP, 01226-000, Brasil; E-mail: [cassiano.fraga@yahoo.com.br](mailto:cassiano.fraga@yahoo.com.br). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0210-5426>.

## Resumo |

Wagner Barbosa, preparador vocal e professor de canto na cidade de São Paulo, me recebeu em seu estúdio particular, no dia 1º de junho de 2016. A entrevista que realizamos fez parte da pesquisa de mestrado **Um Estudo sobre o Desenvolvimento Vocal de Atores e Atrizes: A Voz Mista**, orientada pela Profa. Dra. Suely Master. Nela, buscamos estruturar conceitos e informações sobre dois métodos contemporâneos de treinamento vocal, alicerçados no conceito de voz mista, sendo eles o *Speech Level Singing* e o *Institute for Vocal Advancement*. Através do material obtido, pudemos discutir diferentes conceitos abordados pelos referidos métodos, buscando possíveis interlocuções com a literatura tradicional de canto.

**Palavras-chave:** Voz mista. Técnica vocal. Treinamento.

**Cassiano** – Qual o seu nome completo e a sua idade?

**Wagner** – Meu nome é Wagner Andrei Barbosa e tenho 36 anos.

**Cassiano** – Qual a sua formação acadêmica?

**Wagner** – Sou graduado em Engenharia Elétrica e fiz Pós-graduação em Música Popular na Faculdade de Artes do Paraná. Dentre os cursos livres que fiz, destaque: Música, da Universidade Livre de Música (hoje Escola de Música do Estado de São Paulo – EMESP Tom Jobim), e as certificações oficiais nos métodos *Speech Level Singing* (SLS) e *Institute for Vocal Advancement* (IVA).

**Cassiano** – Qual a sua formação em canto?

**Wagner** – Fiz aulas de canto com professores particulares, ainda em Curitiba, além de ter participado de alguns grupos vocais. Agora, formação oficial, por assim dizer, começou no *Speech Level Singing* e hoje se concentra no IVA.

**Cassiano** – Como surgiu o método IVA?

**Wagner** – Inicialmente, torna-se necessário falar sobre o *Speech Level Singing*, pois foi o método que deu origem ao IVA. O *Speech Level Singing* foi inventado pelo Seth Riggs, que foi um cantor coralista do Metropolitan. Ele estava interessado em continuar trabalhando com voz humana depois que a carreira dele como cantor acabasse. Então, começou empiricamente a testar alguns exercícios em algumas “coisas” que ele chamava de “tendências vocais”. Ele começou a separar tipos de tendências vocais que as pessoas apresentavam na voz. Por exemplo, eventualmente as pessoas apresentavam uma voz pesada demais, outras vezes leve demais, tudo isso dentro dos conceitos que ele considerava coerentes para a sua pesquisa. A partir disso, foi utilizando exercícios que aprendeu com o passar do tempo e que ele julgava que colaboravam para determinado tipo de “problema”, para resolver determinado tipo de tendência.

Nessa linha, ele foi segmentando, empiricamente ainda, as tendências vocais, e pensando e trabalhando cada voz e cada tendência de maneiras diferentes. Toda essa experiência consolidou-se no que hoje conhecemos por método *Speech Level Singing*. Um método bastante personalizado, em que, através desse suposto “diagnóstico”, ele identifica quais viriam a ser os problemas que essa pessoa necessitaria resolver, elencando as prioridades e partindo para uma correção que pudesse ser mais prática e rápida possível.

**Cassiano** – Essa “correção” de que você fala é com base em quê?

**Wagner** – Audição.

**Cassiano** – Referência auditiva dele?

**Wagner** – Dele.

**Cassiano** – Então é um conceito de “voz ideal”, do Seth Riggs?

**Wagner** – Praticamente sim. Ele teve uma formação específica; cantava de um jeito específico e ouvia a voz de um jeito específico. Por isso que muitas pessoas, e mesmo o método *Speech Level Singing* e hoje o IVA, sempre se referem à filosofia do *bel canto*. O *bel canto* não era exatamente uma técnica vocal, mas sim uma descrição do que seria uma boa técnica vocal. Um grupo de críticos ouvia e falava: “Isso é boa técnica vocal”. Então não era exatamente um método ou uma técnica, e sim um resultado estético. O *Speech Level Singing* e o IVA se referenciam no *bel canto*, pois, como está descrito na literatura, trata-se de um “canto livre”, livre de tensões e belo. Essa beleza, obviamente, está ligada a uma questão estética que o Seth Riggs também segue.

Bom, voltando à fundação do *Speech Level Singing*, o Seth Riggs tinha um grupo de alunos avançados que, por sua vez, decidiram sistematizar todo

esse conhecimento empírico e transformá-lo em um método. Acredito que, a partir desse momento, os paradigmas do que é “beleza vocal” começaram a ser discutidos. Torna-se contraditório, por exemplo, dizer que o Luciano Pavarotti é um ótimo exemplo de voz e que o Michael Jackson não é. Os dois são, porém, de maneiras diferentes. Cada um usa a voz de maneira específica, e de certa forma, coerente e saudável. E também funcional para o mercado de trabalho que eles se propuseram a trabalhar.

### **Cassiano** – E o IVA?

**Wagner** – Em um determinado momento, houve uma questão corporativa, de direitos da marca. Todo o grupo diretor, exceto o Seth Riggs e o professor-diretor Greg Enriquez, decidiram abrir uma outra franquia. Obviamente, não podemos separar uma técnica da outra, pois o pensamento é o mesmo há 35 anos. O que acontece, na prática, é que as metodologias foram se distanciando ligeiramente. O IVA está, cada vez mais, se aproximando da ciência vocal. Obviamente sem que isso interfira diretamente na proposta pedagógica das aulas.

O método IVA tem por pressuposto ensinar através do que chamamos de “perspectiva do cantor”. Melhor dizendo, não queremos induzir o cantor a pensar que deve “esticar tal músculo”, mas sim, que ele perceba as diferentes sensações, e, caso seja necessário, explicar que “tal sensação corresponde a tal músculo”. Lógico que cada pessoa aprende de uma maneira diferente e essa diferenciação do tipo de aluno também é levada em consideração. Mas o principal é fazer a pessoa experimentar o que é a sensação daquele músculo funcionando ou daquele tipo de ressonância ou daquele tipo de fonação, para se chegar nesse resultado que o Seth Riggs pensava lá atrás e que se pensa no IVA hoje em dia.

Em função de que os métodos e a ciência vocal estão constantemente evoluindo, o IVA está sempre atento às mudanças, procurando acompanhar

as novas descobertas e também as quebras de paradigma, trabalhando sempre o mais perto possível da realidade comprovada.

O IVA também tem uma boa parte do seu pensamento voltado para “performance”, que é a parte artística propriamente dita, buscando a aplicação do método no dia a dia, ou seja, no mercado de trabalho que a pessoa precisa (seja para gravação, para shows etc.).

**Cassiano** – Você pode fazer uma aproximação na linha do tempo? O momento em que surgiu o *Speech Level Singing*, o momento do desligamento dos diretores e quando que se criou efetivamente o IVA?

**Wagner** – Não tenho conhecimento exato sobre o surgimento do *Speech Level Singing*, mas acredito que tenha sido perto do começo da década de 80, mais ou menos.

No período entre 2012 e o início de 2013, aconteceu o rompimento administrativo dos professores-diretores do SLS, e, em 2013, a estruturação do método IVA. Lógico que houve um período necessário para essa estruturação. Tiveram que pensar elementos como: a hierarquia administrativa dessa organização; quais seriam as metas e objetivos; as estratégias pedagógicas; e também as estratégias mercadológicas de como iriam inserir essa organização no mercado vocal mundial, por exemplo.

**Cassiano** – O que é o método IVA e qual seria o objetivo do método?

**Wagner** – Sob o meu ponto de vista, o IVA é uma franquia de professores de canto. Então, acredito que o ponto forte da organização é treinar professores no mundo inteiro para replicar uma metodologia vocal específica. Lógico que existem recortes fonéticos independentes em cada parte do mundo, mas, em termos gerais, esse tipo de técnica funciona no mundo inteiro. Você consegue aplicar em qualquer língua.

**Cassiano** – Qual é a proposta pedagógica do método?

**Wagner** – A proposta pedagógica, pensando que é um grupo de professores ao redor do mundo, é oferecer, para cada aluno, o entendimento da própria pessoa sobre o método, da maneira mais coerente possível.

O professor ensina o método da maneira que achar melhor para o aluno entender, e o aluno assimila esse ensinamento, independente da terminologia, nos moldes que ele achar aplicável para a sua vida. Por assim dizer, o aluno irá gerar uma própria nomenclatura ou uma própria terminologia sensorial de aplicação daquilo na vida prática. Então, é por isso que o aluno que faz aulas do método IVA não necessariamente vai se relacionar com a terminologia que usamos entre os professores. Não por necessidade de esconder a terminologia, mas simplesmente porque a gente não quer impor para os alunos o entendimento que a gente tem como professor. Então por isso a importância de ser fundamentalmente sensorial na perspectiva de quem está recebendo aquele conhecimento/aula.

**Cassiano** – Por que você escolheu ser professor certificado pelo método IVA?

**Wagner** – Na verdade, foi um pouco acidental. Estava me preparando para uma turnê de lançamento de meu primeiro disco, quando ouvi sobre o método *Speech Level Singing*, aqui em São Paulo. Entretanto, não havia professores certificados no Brasil. Durante a turnê, na Polônia, o pianista que me acompanhava comentou que já havia estudado o método, porém, não era certificado. Este pianista conhecia um professor próximo de sua residência. Entrei em contato com esse professor, e esse foi o meu primeiro contato efetivo com a técnica.

Nessa primeira aula, o professor conseguiu me explicar, de maneira acessível, questões que eu tinha com a minha voz que muitos anos de treinamento não resolveram. Nesse momento, eu não tinha nenhum conhecimento sobre terminologia de técnica vocal, nem fisiologia, nem nada. Entretanto, além dele conseguir me explicar de um jeito que eu pude entender, conseguiu também

me fazer transitar por uma região da minha voz, que eu nunca tinha experimentado, de uma maneira muito agradável.

Por incentivo desse professor, acabei por procurar o programa de certificação do método *Speech Level Singing*. Na época, ponderei três questões: o fato de que não havia professores certificados no Brasil e nem uma metodologia que se aproximasse dessa abordagem; a necessidade que eu teria em me desenvolver melhor, por exemplo, com o piano, para as aulas; e, por fim, o mercado que estaria abrindo.

**Cassiano** – Na prática, como o método funciona? Como ele se aplica?

**Wagner** – Tenho um aluno que usou uma definição muito interessante para o método. Ele disse que é “[...] como se fosse uma vacina para um problema”.

A gente sempre pensa em causa e efeito. Ao invés de pensar no efeito, ouvir a voz que está sendo emitida e pensar: “Ah, esse efeito tem que ser corrigido”. Tentamos ler auditivamente o que está causando esse efeito e, com os exercícios, tentamos corrigir, ou mudar, ou adequar, essa causa.

Como falei no começo da entrevista, o Seth Riggs desenhou e escolheu o que chamou de “tendências vocais”. Logo, tentamos equilibrar essas “tendências”, escolhendo exercícios que estimulem o sistema vocal à uma tendência oposta, tentando “equilibrar a balança”. Por exemplo, se uma tendência está nos puxando para a esquerda, faremos exercícios de “contra-tendência”, ou seja, buscando a “direita”, pois, dessa forma, o produto dessa equação seria o centro, o equilíbrio. Não pensamos exatamente no efeito final, e, sim, tentamos corrigir a “causa” que não está gerando o efeito mais equilibrado.

**Cassiano** – Quais são as etapas de aprendizagem na sua formação de professor enquanto aluno do processo de certificação do *Institute for Vocal Advancement*? Quais são as etapas desse processo de certificação?

**Wagner** – Etapas administrativas ou etapas de aprendizagem?

**Cassiano** – Etapas de aprendizado. Sei que são divididos em níveis, mas de que maneira esse conhecimento é distribuído?

**Wagner** – Com exceção dos diretores, os *Master Teachers*, que são cargos diferenciados e administrativos, existem cinco níveis de professor e mais um nível introdutório, o *Student Teacher*. Sob o meu ponto de vista, esses cinco níveis seriam níveis de eficiência de aplicação dessa metodologia, ou seja, de correção dessas “tendências” de maneira mais rápida possível.

No primeiro estágio/nível, a pessoa tem que ser capaz de entender e conseguir ouvir as principais tendências. E, de maneira coerente, propor correções para essas tendências. A medida que o professor vai evoluindo e passando de nível dentro do método, ele deverá conseguir identificar as tendências de maneira cada vez mais sofisticada e corrigi-las em menor tempo. E pra que isso aconteça, temos uma formação distribuída durante os anos “que nunca param”. A certificação funciona como uma formação continuada, pois a Organização continua pesquisando concomitantemente com os cientistas da voz no mundo inteiro.

O aprendizado é diferentemente segmentado dentro dos níveis. No nível 1, o professor deve ler textos e artigos mais abrangentes sobre voz. Na medida em que ele cresce nos demais níveis, esses textos e artigos passam a ser mais aprofundados na ciência vocal, envolvendo treinamento auditivo, conhecimentos fisiológicos e acústicos dos fonemas, e assim por diante. Nessa trajetória, os professores tornam-se cada vez mais capacitados e eficientes com relação ao seu treinamento.

**Cassiano** – Então do Instrutor Nível 1 até o Instrutor Nível 5, a evolução seria relacionada a um aprofundamento técnico? Uma espécie de melhora auditiva para conseguir identificar cada vez mais minúcias dessas tendências?

**Wagner** – Sim. E os desdobramentos disso também. Do *Student Teacher* para o Nível 1, o aluno-professor é testado através de aspectos elementares dentro

da metodologia, que basicamente consiste em identificar as tendências e conseguir propor qual o tipo de ferramenta que irá resolvê-la. A cada nível alcançado, o grau de dificuldade deverá aumentar. Por exemplo, na prova para Nível 1, o aluno-professor deverá, além de identificar e propor correções para as tendências apresentadas, organizar uma estrutura pedagógica de aula eficiente. Já para o Nível 2, caso a estrutura da aula não esteja adequada ao padrão IVA, esse aluno-professor perderá muitos pontos em sua avaliação, pois “estrutura de aula” é conhecimento Nível 1. Do Nível 2 em diante, a exigência auditiva aumenta, e além disso, os *master teachers* irão aumentar o grau de questionamento e reflexão com relação às ferramentas escolhidas para cada situação. Já no Nível 3, são permitidas perspectivas pessoais com relação ao método, recebendo permissão para questionar as opiniões do professor-diretor e debatê-las.

O Nível 3 é um divisor de águas dentro da formação IVA. O professor certificado pelo IVA pode, ao alcançar o Nível 3, optar por uma espécie de reciclagem anual, ou seja, permanecer nesse nível, desempenhando atividades para “manter” a sua certificação neste nível. Entretanto, poderá optar por continuar para o Nível 4 (Nível Avançado) e, por fim, para o Nível 5 (Nível Mentor). Esses dois Níveis (4 e 5), apresentam algumas peculiaridades na formação, como tarefas extras de pesquisa. Se você quiser avançar para o Nível 4, você deverá apresentar uma pesquisa pessoal, que poderá ser: a organização integral de um show; uma pesquisa de aplicação (que inclusive é parecida com a sua pesquisa de mestrado) testando certas funcionalidades do método em pessoas e apresentando esses resultados aos *Master Teachers*; desenvolver ou questionar aspectos “extra método IVA”, que possam ser usados pela metodologia (por exemplo, “treinamento auditivo geral de escalas e arpejos” ou “história da música tal” ou “história do canto”); ou desenvolver um trabalho voluntário em uma comunidade utilizando o método. Por último, no Nível 5, começam os treinamentos de mentoria, ou seja, você começa a ser treinado para orientar os novos professores que estão entrando no método.

**Cassiano** – Se dividirmos o processo de fonação em três etapas, sendo a primeira a respiração, a segunda relacionada à fonte glótica, e a terceira relacionada à ressonância, de que maneira você acredita que o método desenvolve essas três etapas?

**Wagner** – Bom, a gente pensa exatamente dessa forma, separando as três etapas. Inicialmente, tentamos identificar qual desses três pontos é o mais fraco, ou seja, qual apresenta alguma “deficiência” e que, por sua vez, precisa ser corrigida com maior urgência, buscando equilibrar todo o sistema. Quando digo que separamos as etapas, me refiro à percepção auditiva para iniciar o treinamento, entretanto, não podemos separar essas etapas. Há casos, por exemplo, que tentamos corrigir uma questão relacionada à ressonância, que está afetando a respiração ou a fonação.

Em geral, analisando esses três pilares que você falou, a gente tende, nessa metodologia, a olhar muito mais para problemas fonatórios e de ressonância do que problemas respiratórios. Segundo diversos relatos de importantes formadores de opinião para a metodologia IVA, sabemos que a maioria das correções que precisam ser feitas não dependem de quantidade de energia (que seria o que a respiração fornece para o sistema), e sim de coordenação específica da região fonatória e ressonância. Eventualmente alguma pessoa vai ter algum problema de respiração que precise ser corrigido. Mas, em geral, se nos atermos a corrigir a fonação e a ressonância, a respiração tende a responder positivamente. Ou seja, a gente não estressa muito o pensamento na respiração.

**Cassiano** – O método IVA é um método de treinamento desenvolvido, pensado e organizado para cantores (para voz cantada)?

**Wagner** – Sim.

**Cassiano** – Mas você acredita que ele possa trazer benefícios para outros profissionais da voz? E se puder fazer um recorte dessa observação para os atores, de que maneira?

**Wagner** – O método IVA é pensado para cantores, para o mercado de voz cantada especificamente. Mas as aplicações do método e da técnica na voz profissional falada são também válidas. Eu mesmo trabalhei com alguns locutores e bastante com atores.

Pude constatar que os tipos de tendência, ou seja, os tipos de problema, se repetem na voz falada também. Para uma pessoa que não depende da voz profissionalmente, alguns erros em relação à fonação e ressonância não fazem diferença. Mas as correções que a gente pensa para os cantores, sendo que no canto a utilização da voz tem que ser o mais perto possível do “perfeito” para o estilo pretendido, exige que tenhamos que esmiuçar os detalhes do que o estilo necessita. Obviamente se fizermos um recorte para os atores e para os locutores, enfim, pessoas que trabalham com a voz profissionalmente, esse recorte deverá ser, de certa forma, mais simples para um professor que entende da aplicação dessa metodologia, pois, salvo exceções, a extensão vocal da voz falada profissionalmente é mais estreita que a da voz cantada.

Não tem nenhum problema pensar que eventualmente vai ser muito mais difícil, porque obviamente depende do tipo de problema da pessoa, do histórico, dos hábitos, dos problemas vocais que a pessoa já teve ou não. Eventualmente, o recorte para voz falada poderá ser mais complexo, mas, em geral, funciona muito bem. No caso dos atores (mais do que para os locutores), o treinamento será mais aproximado dos cantores, porque eles precisam de muito mais potência (em geral, para atores de teatro). Logo, pensamos um treinamento para uma extensão vocal não muito grande, porém, de maneira que consigamos extrair o máximo de resultado sonoro daquela região.

**Cassiano** – A proposta pedagógica do método IVA está direcionada para um atendimento individualizado?

**Wagner** – Sim.

**Cassiano** - Mas você acredita que haja espaço ou algum tipo de adaptação possível, para que se faça um treinamento coletivo? De que maneira o método poderia ser utilizado na preparação vocal de um elenco de teatro, por exemplo?

**Wagner** – Na minha opinião, acredito que há sim alguma chance de pensar esse tipo de metodologia para grupos, mas teríamos que repensar as ferramentas. O diagnóstico, necessariamente, seria generalizado. Pensaríamos a tendência geral do grupo e possíveis correções para essa tendência geral. Lembrando que se estamos falando de “tendências gerais do grupo”, eventualmente esbarraremos em tendências pessoais, que não serão resolvidas necessariamente. Então, acho que sim, que é possível aplicar essa metodologia em grupos, mas a eficiência da aplicação não será máxima, porque não estaremos “olhando” com a lupa para a voz do indivíduo, e sim olhando o grupo como um indivíduo.

**Cassiano** – Quais são as ferramentas de trabalho para um professor IVA?

**Wagner** – Trabalhamos inicialmente com os fonemas (consoantes e vogais), e alguns sons estranhos, que a gente chama de “sons provisórios” ou “não finalizados”, que auxiliam no isolamento do funcionamento de algum músculo especial. Podem ser, por exemplo, sons que tendem a elevar a laringe, sons que tendem a rebaixar a laringe, sons que tendem a deixar a prega vocal com fechamento menos severo ou, eventualmente, mais severo.

À medida que os sons extremos passam a funcionar, tendemos a remover imediatamente essa sonoridade provisória, migrando para a fonação normal. Por “fonação normal”, refiro-me a fonação mais próxima possível do

“correto” pensando no âmbito da saúde da voz e também no estilo vocal que a pessoa precisa. No caso dos atores, obviamente, seria o mais perto possível da fala mais plena, do entendimento do texto, da expressão, de liberar no ator a expressão que ele deseja aplicar ou que o diretor deseja aplicar.

**Cassiano** – Você acredita que o método possa se aplicar a todos os estilos musicais? Posso desenvolver uma sonoridade erudita, ou popular, ou *Broadway*, através do método IVA, levando em consideração que cada uma dessas sonoridades apresenta demandas musculares específicas?

**Wagner** – Pela minha experiência e pelo que eu aplico no dia a dia, acredito ser um método útil para qualquer estilo. Ele pode ajudar pessoas a se desenvolverem vocalmente em praticamente todos os estilos. Porque ele ajuda a regular a voz, a deixar a voz mais equilibrada, ou seja, a deixar a voz mais apta aos ajustes que cada estilo precisa. Por exemplo, existem diferenças gritantes entre o “*hard rock*” e a música erudita. Ambos os estilos apresentam demandas completamente diferentes e específicas. Porém, o ponto médio entre esses dois estilos extremos é o equilíbrio vocal. Acredito que, nesse aspecto, o método mostra-se extremamente útil.

Percebo também que o desenvolvimento do estilo em si depende muito do conhecimento do professor que está aplicando a metodologia. Se o professor não entende ou nunca experimentou ou não tem nenhum conhecimento sobre determinado estilo, é aconselhado que conduza a voz do aluno para ficar mais equilibrada, e, a partir desse momento, ou busque apoio de algum professor especializado ou que repasse esse aluno para outro professor do método que tenha familiaridade com esse estilo.

**Cassiano** – Você considera que exista algum tipo de contradição dentro do método? Existe algum tipo de procedimento ou algum princípio estrutural do método que você não concorde? Você faz uma peneira do que para você é útil, dentro de sua experiência, ou você é um adepto integral da metodologia IVA?

**Wagner** – Em geral, tendo a ser um adepto integral, porque o pensamento pedagógico, como eu tenho visto, é de não ter coisas extremas dentro da metodologia. O que, eventualmente, pode ser bom e ruim. Muitas vezes, pensamentos extremos podem nos direcionar para novas perspectivas que são muito boas. Mas, lógico, quando você está trabalhando com coisas extremas, você também está levando as pessoas com as quais você está trabalhando, para um certo nível de risco. Então, dentro da metodologia, tenta-se sempre trabalhar com o mais perto possível do que seria saudável, do que seja recomendável. Mesmo que haja um otorrino ou um fonoaudiólogo assistindo a aula, não devemos ter excessos em nenhuma das direções.

Não tenho nenhuma restrição ao uso da metodologia, mas, eventualmente, tento buscar alguns conhecimentos externos ao IVA. Ou porque são curiosos para mim ou porque eu vi funcionalidade.

Só um adendo sobre a sua pergunta sobre os estilos. Como falávamos, é lógico que a experiência de cada professor que está dentro da técnica leva mais para um ou outro estilo. Dependendo do conhecimento ou do nível de *expertise* da pessoa naquele estilo. Então, é natural que um professor (seja qual for o nível) que esteja mais conectado com o canto erudito terá, em minha opinião, quase que naturalmente uma busca por esse tipo de sonoridade. Por mais que a pessoa se polície, eu acho que é natural que ela vá um pouco nessa direção.

Então, isso é um aspecto bastante enfatizado dentro do método. Tentar buscar um som que seja o mais equilibrado e neutro possível. Por mais difícil que isso possa parecer, afinal estamos falando da relação de voz humana com humanos. Mas buscamos manter a neutralidade e tentar olhar a voz do aluno quase como uma coisa... é difícil explicar isso. Tentamos não pensar o IVA como um processo para um resultado estético, e sim um processo para um resultado de liberação da voz, de funcionalidade da voz.

**Cassiano** – Você poderia definir melhor esse “equilíbrio” que você mencionou durante a entrevista? É em nível muscular? Por exemplo, o canto erudito, tradicionalmente, apresenta uma demanda respiratória maior com relação aos outros estilos; de que maneira poderíamos definir um “equilíbrio” para os diversos estilos, se cada um apresenta uma demanda específica? Onde haveria um desequilíbrio, por exemplo?

**Wagner** – Na verdade, no canto erudito, há uma grande demanda respiratória, porque há uma grande demanda de “volume”, ou seja, intensidade sonora. Logo, precisa de muita energia passando no sistema para criar bastante som, para que a ressonância amplifique ainda mais esse som, e o som fique grandioso da maneira que for necessário. Pensando no canto erudito, que podemos definir como altíssima performance da voz, onde tudo precisa ser muito exacerbado, com muito controle e tudo ao mesmo tempo, também é possível haver um equilíbrio nesse tipo de utilização da voz. Mesmo que seja bastante perto do extremo. Esse é o ponto do equilíbrio. O cantor deve equilibrar a quantidade de energia do sistema, a quantidade de respiração (de ar passando pela prega vocal), o melhor fechamento da prega vocal, o coeficiente de fechamento mais adequado para conseguir o máximo de som saindo da prega vocal, e a ressonância ser o mais ajustada possível, para que se ganhe o máximo de potência de amplificação. Tendo essas três coisas equilibradas entre si (respiração, fonação e ressonância), gera-se um equilíbrio, mesmo que o instrumento esteja sendo usado quase na máxima potência.

O mesmo tipo de pensamento se aplica a um canto de pouquíssima potência. Porque num canto de pouca potência, ainda assim pode haver excesso de pressão no fechamento glótico, por exemplo. E a gente tem que equilibrar esse fechamento glótico para pequena potência e para grande potência. Às vezes a pequena potência pode ser tão danosa ou mais danosa do que a grande potência, se estiver desequilibrada.

Então, o equilíbrio, independente da quantidade de som que a gente precise, pode ser alcançado através da metodologia. Essa que é a grande questão. Se a

gente deixar todo o sistema (respiração, fonação e ressonância) azeitado para baixa potência, e for elevando a potência, conseguimos chegar à máxima potência do instrumento.

Da mesma forma que um cantor de música erudita concertista, que irá cantar com uma orquestra, está na máxima potência, idealmente tem que conseguir diminuir essa potência até o mínimo, mantendo o equilíbrio do sistema todo. Ou seja, diminuindo a quantidade de energia, diminuindo a força do fechamento glótico, e mantendo ou não, aí depende do resultado estético que está se buscando, os ressonadores ajustados para conseguir o resultado estético que se está buscando.

**Cassiano** – Se pensarmos autores como Jean-Baptiste Faure (1886), Manuel Garcia (1894), Francesco Lamperti (1890) e mesmo Giovanni Battista Lamperti (1905) como precursores da estruturação do conceito “contemporâneo” de técnica vocal, vemos que o *Speech Level Singing* e o IVA são métodos muito novos. Portanto, não temos uma quantidade suficientemente satisfatória de produções acadêmicas e científicas que referenciem esses métodos. Logo, baseado nisso, você teria como citar algum referencial teórico (autor ou obra), que serviu de base para a constituição do método IVA?

**Wagner** – Com certeza. Do Ingo Titze, temos o **Vocology**. A obra do Ingo abrange muitos aspectos da voz e, somado a isso, ele próprio esteve muito próximo do criador do *Speech Level Singing* e dos criadores do IVA. Quando estavam criando o *Speech Level Singing*, e, na medida em que alguns aspectos da metodologia não funcionavam, tais pontos eram discutidos com o próprio Titze. Ou seja, além de cientista, ele foi um consultor, por assim dizer, da técnica. Era uma pessoa muito próxima do Seth Riggs.

**Cassiano** – Ok professor, muito obrigado pelo seu precioso tempo e contribuição.

**Wagner** – Agradeço o convite. Todo o sucesso para sua pesquisa.

## Referências |

FAURE, Jean-Baptiste. **La Voix et le chant, traité pratique**. Paris: H Heugel, 1886.

GARCIA, Manuel. **Hints on Singing**. Trad. Beata Garcia. Londres, New York: E. Ascherberg & Co., 1894.

LAMPERTI, Francesco. **The Art of Singing**. California: Schirmer, 1890.

LAMPERTI, Giovanni Battista. **The Technics of Bel Canto**. New York: Schirmer, 1905.

RIGGS, Seth. **Singing for the Stars** - A complete program for training your voice. USA: Alfred, 2008.

TITZE, Ingo R.; ABBOTT, Katherine Verdolini. **Vocology** - The science and practice of voice habilitation. Utah: National Center for Voice and Speech, 2012.

Submissão em: 03/04/2019

Publicação em: 30/06/2019

## Abstract |

Wagner Barbosa, vocal coach and singing teacher based in the city of São Paulo, received me in his private studio on June 1st, 2016. The interview we conducted was part of the master's research *A study on the Vocal Development of Actors and Actresses: The Mixed Voice*, advised by Ph.D. Suely Master. In this research, we sought to structure concepts and information on two contemporary methods of vocal training, based on the concept of mixed voice, the Speech Level Singing and the Institute for Vocal Advancement. Through the obtained material, we were able to discuss different concepts approached by the mentioned methods, observing possible interlocutions with the traditional literature of singing.

**Keywords:** Mixed voice. Vocal technique. Training.